Novo
Boletim Bibliográfico
Informativo da Fundação Vingt-un Rosado
Mossoró - Rio Grande do Norte
Ano 72 - Número 180 - Junho de 2020

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO
CNPJ 70.302.583/0001-90
Praça da Redenção Dorian Jorge Freire, 17 - Terceiro andar - Centro – Mossoró / RN - Brasil CEP: 59600-065 Telefone: 84 98822 1721/ 84 98886 0520 / 3315 5177
https://colecaomossoroense.org.br e fvrcm@uol.com.br
Conta para depósito, transferência e/ou colaboração:
Banco do Brasil - Agência 0036- 1 /
Conta Corrente 153714-8.

Nome: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho
Cargo: Presidente

Nome: Wilson Bezerra de Moura
Cargo: Conselho Curador (Membro Nato)

Nome: Elder Heronildes da Silva
Cargo: Conselho Curador (Membro Nato)

Nome: Benedito Vasconcelos Mendes
Cargo: Conselho Curador (Membro Nato)

Nome: Antônio Kydelmir Dantas de Oliveira
Cargo: Conselho Curador (Membro Efetivo)

Nome: Francisco Rubens Coelho de Figueiredo
Cargo: Conselho Curador (Membro Efetivo)

Nome: Geraldo Maia do Nascimento
Cargo: Conselho Curador (Membro Efetivo)

Nome: Daniela Rosado do Amaral
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Marcos Antônio Filgueira
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Wagner Rosado da Escóssia
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Efetivo)

Nome: Paulo de Medeiros Gastão (in memoriam)
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Filemon Rodrigues Pimenta
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Nome: Almir Nogueira da Costa
Cargo: Conselho Fiscal (Membro Suplente)

Novo
Boletim Bibliográfico
EXPEDIENTE:

Diretor Executivo: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho;
Projeto Gráfico: Geraldo Maia do Nascimento;
Editoração, diagramação e revisão: Eriberto Monteiro;
Diagramação final: Maurílio Carneiro.

Colaboradores:
Asclépius Saraiva, Geraldo Maia do Nascimento, Eriberto Monteiro, Maria das Graças Henrique, Maurílio Carneiro, Francisca Maria de Araújo, Júlia Azevedo, Dix-sept Rosado Sobrinho, Ricardo Alfredo de Souza, Josselene Marques, Wanderlea Lima, Wilson Bezerra de Moura, Lucas Rafael Monteiro, Gualter Alencar, Tiago Valeriano, Carlim Coisado, Edvaldo Morais, Marcos Ferreira, Pedro Melo do Nascimento, Lívio Oliveira e Benedito Vasconcelos Mendes.

Notícias da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte

A Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte, durante este momento de enfrentamento ao Covid-19, está fechada por tempo indeterminado.

Lembrando que o coronavírus é um vírus que causa a Covid-19. Uma doença nova que se espalhou no mundo todo e até o presente momento, não existe medicamento comprovado cientificamente, nem muito menos vacina.

As autoridades médica e científica orientam que a melhor medida para evitar a contaminação é o isolamento social, o uso de máscara e a higienização constante.

A administração lembra que a normalidade acontecerá apenas quando houver segurança sanitária para o retorno.

Numa ação coordenada pela Secretaria Municipal da Cultura e através da diretora Maria das Graças Henrique, os funcionários Eriberto Monteiro e Maurílio Carneiro executaram trabalhos pedagógicos de conscientização da população sobre as medidas sanitárias para evitar o contágio do coronavirus, além de dicas de leitura neste momento de isolamento social.

Foram gravados, também, 4 vídeos institucionais em que os funcionários Eriberto e Maurílio dão dicas de leitura neste momento de isolamento social e de comemoração aos 93 anos de resistência ao bando de Lampião.

Os vídeos são partes integrantes da participação da Biblioteca Municipal Ney Pontes Duarte no Mossoró Cidade Junina. Eriberto Monteiro gravou dois e Maurílio Carneiro gravou os outros dois.

As publicações dos vídeos ocorreram nas seguintes datas:

* Dica de Eriberto Monteiro: "Nas garras de Lampião", de Antonio Gurgel e Raimundo Soares de Brito (dia 8/06);

* Dica de Maurílio Carneiro: "A Marcha de Lampião", de Raul Fernandes (dia 14/06);

* Dica de Maurílio Carneiro: "Jesuíno Brilhante - O cangaceiro romântico", de Raimundo Nonato (20/06); e

* Dica de Eriberto Monteiro: "Cangaço - Episódios e personagens", organização de Kydelmir Dantas e Caio César Muniz (26/06).

As obras tem o selo da Coleção Mossoroense e foram disponibilizadas pela Fundação Vingt-un Rosado. Elas ficaram disponíveis nas plataformas **colecaomossoroense.org.br** e do **Mossoró cidade Junina.**

Notícias do Museu Histórico Lauro da Escóssia

O Museu Histórico Lauro da Escóssia está fechada ao público por tempo indeterminado em razão ao enfrentamento ao Covid-19. Assim como a biblioteca municipal, a administração lembra que a normalidade acontecerá apenas quando houver segurança sanitária para o retorno.

Para o mês de junho, a principal ação foi o recebimento do escritor e pesquisador Robério Santos, relatada no Novo Boletim Bibliográfico anterior.

Outro acontecimento durante este período de junho foi o afastamento do diretor Geral, Asclépius Saraiva. Assim ele expressou em carta de despedida endereçada para o Novo Boletim Bibliográfico e para as autoridades constituídas:

"Caríssimos (as): estive diretor do Museu Histórico Lauro da Escóssia, por 03 anos e 01 mês, onde aprendi muito sobre a verbo SERVIR bem e com excelência nossos visitantes, como o próprio nome diz, e somos: servidor público.

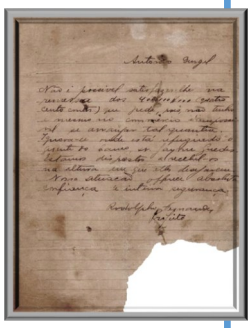
A partir desta data (30/06/2020), estou trilhando novos desafios em busca do Legislativo: estou pré-candidato a vereador da nossa Mossoró-RN. Espero ter atendido as expectativas da Senhora Prefeita Rosalba, da nossa Secretária Isaura Amélia e dos inúmeros visitantes, que, para o ano de 2017, tivemos 7 mil visitas; em 2018 um total de 15 mil visitas em mais de 200 agendamentos; e para 2019, 20 mil visitantes nos deram a graça de um número expressivo de pessoas conhecendo nossa Cultura, História e Memória. Dos visitantes, 12 países estrangeiro foram representados.

Através da UERN/ NUDHOP, estamos com 85% do JORNAL O MOSSOROENSE digitalizado.

Aproximei as escolas, faculdades e instituições do nosso equipamento de Cultura através das rede sociais e os visitantes in loco, facilitando os agendamentos, com planilha interna, evitando a emissão ofício e deslocamento (A instituição ligava e marcava sua vinda através do WhatsApp ou fone e informava data e horário. Em seguida, o servidor preenchia a planilha, informando quando a visita acontecia e assinava a planilha, dando veracidade ao documento).

Deus abençoe minha jornada, onde peço o apoio de todos. Meu desejo é de poder fazer mais pela nossa Mossoró/RN e corresponder a confiança depositada. Em breve, estaremos juntos novamente, por uma causa e desafios mais amplos.

Fiz parte também do processo e elaboração dos reparos que estão para acontecer no nosso Museu e início da Pinacoteca municipal em nosso 1° andar.



Trabalhei em conjunto com a secretária para trazer a CARTA Original do Rodolfo Fernandes ao Coronel Gurgel, este sequestrado pelo bando de lampião, no dia 13.06.1927. A carta ficou acomodada no palácio da Resistência, no salão dos grande atos (onde ela foi escrita). A cópia estará em nosso Museu. Ela foi doação Robério Santos.

Esteve também conosco a Academia Mossoroense de Artistas Plásticos (AMARP), onde está com sede na sala em que trabalhei. Todas as sextas-feiras de cada mês, tínhamos nossas reuniões, elaborando eventos e deliberações diversas. Orgulho-me de ter feito parte das atividades e também tenho orgulho de ter recebido a Medalha de Presidente de honra dessa ilustre academia. Obrigado Franci Dantas e equipe.

Estivemos, também, em contato constante com a APROFAM (Associação dos Produtores de Frutos Orgânicos de Mossoró), dando apoio no armazenamento de suas barracas e também cuidando e zelando pela nossa praça em frente ao museu.

Gostaria de lembrar a todos que visitarem nosso Museu, não esquecer de se posicionar no centro da pracinha e, em voz alta, entoar a palavra MUSEU, sensação ÚNICA.

Cuidei da coleção de Vingt-Un Rosado nesse período. Inclusive ainda estou com a chave da sala. Zelei e fiz dali um lugar de leitura. Orgulho meu...

Tem outras, mais acho que essas fora as mais importantes... Asclépius Saraiva Cordeiro".

Eriberto Monteiro
eribertomonteiro@hotmail.com

Caminhos percorridos no espaço e no tempo

Autor: Wilson Bezerra de Moura - Ano: 2020 - Série B - Volume: 12811 - Formato: 15 x 20,6

Obra autobibliográfica, que, segundo o autor, "tem o propósito de presentear-me pelos meus oitenta anos completados no dia 13 de maio último passado com uma retrospectiva sobre minhas atividades em diferentes aspectos de minha vida como um documentário descritivo para conhecimento de todos".

O passado visto por Gil Soares

Autor: Caio César Muniz (organização) - Ano: 2009 - Série C - Volume: 1559 - Formato: 14 x 21

Obra organizada pelo poeta Caio César Muniz que remonta vários artigos publicados pelo escritor Gil Soares num só trabalho literário.

Redinha—Praia de veraneio

Autor: Gil Soares - Volume: 2348 - Ano: 2003 - Série B - Formato: 14,4 x 20,4

Obra de Gil Soares que relata a história da Redinha como local de piquenique, de peixaria e praia de Veraneio, fundada em 22 de novembro de 1921.

Poetas Mossoroenses

Autor: Kydelmir Dantas - Volume: 64 - Ano: 2020 - Série D - Formato: 10,6 x 14,9

Obra de Kydelmir Dantas fruto do Curso de Poesia ministrado pelo poeta Crispiniano Neto, em 1999, encerrando no dia 14 de março daquele ano contando com a participação de diversos poetas.

Mantenha a Coleção Mossoroense viva
Deposite, transfira, colabore
Banco do Brasil, agência 0036-1 / Conta Corrente 153714-8.
Fundação Vingt-un Rosado / CNPJ 70.302.583/0001-90

Geraldo Maia do Nascimento
gemaia1@gmail.com

100 anos da Igreja de São Vicente de Paulo

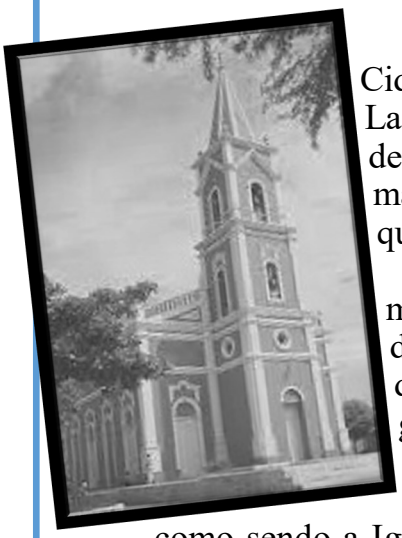
Geraldo Maia do Nascimento

Todos os templos autênticos envolvem um simbolismo cósmico, um clima sagrado, uma atmosfera mágica. E quando esse templo, além do papel religioso que ocupa, envolve outros acontecimentos históricos, sua áurea mística se multiplica. Em Mossoró temos um templo que se enquadra perfeitamente nesse conceito que é a Igreja de São Vicente de Paulo.

Esse templo, que fica na Av. Alberto Maranhão, no centro de Mossoró, foi inaugurada no dia 20 de julho de 1919, e vem prestando serviços religiosos até os dias atuais. A idéia da sua construção surgiu no ano de 1915, no seio das confrarias vicentinas, sendo a sua pedra fundamental lançada a 3 de outubro de 1915, com ato oficiado pelo Padre Elesbão Gurgel. Dois fatos, no entanto, marcaram a existência daquele templo: a seca e o cangaceirismo.

O início da construção da Igreja de São Vicente deu-se no ano de 1915, ano esse em que o nordeste brasileiro sofria com uma terrível seca. O historiador Raimundo Brito, em trabalho publicado sobre a Igreja de São Vicente diz que "os serviços da construção do templo serviram para amenizar o sofrimento das numerosas levas de retirantes que aqui chegavam tangidos pelo flagelo da grande estiagem". Das mãos fracas de famintos retirantes surgiram os tijolos e a cal que foram usados para erguer o templo. O dinheiro que ganhavam, apesar de pouco, era o que amenizava a fome. O professor Almeida Barreto, em um dos capítulos das suas memórias dizia: "Aquele templo é uma dádiva de suor, sangue e lágrimas, dos retirantes, de 1915. Merece um poema à memória de um êxodo forçado". E o próprio professor Barreto faria esse poema, quando apelava: "Mossoroenses, quando passardes diante da Igreja de São Vicente de Paula, prestai o vosso culto, não só ao orago do templo, como aos seus construtores, quase todos desaparecidos já, porém, ainda mais rendei o vosso preito àqueles humildes grandes, que fabricaram, de graça, o material para o citado templo".

(Continuação)



Um outro fato marcante é que em 13 de junho de 1927, quando a Cidade de Mossoró foi atacada pelo bando de cangaceiros chefiados por Lampião, a Igreja de São Vicente serviu como trincheira para os defensores da cidade, abrigando em sua torre alguns defensores. As marcas do combate ainda podem ser vistas em suas torres, preservadas que estão, para conhecimento da geração futura.

A resistência encontrada pelos facínoras fez com que os mesmos fugissem no que ficou conhecida como sendo a primeira grande derrota de Lampião, derrota essa que fez com que até o fim dos seus dias, não mais perturbasse a paz no Rio Grande do Norte. Foi uma grande vitória do povo mossoroense, vitória essa que é lembrada até os dias atuais, e que teve como comandante maior o prefeito Rodolfo Fernandes. Daí porque muitos se referem a Igreja de São Vicente como sendo a Igreja de Lampião, ou a "Igreja da bunda redonda", por assim ter sido chamada pelo chefe dos bandidos.

O templo permanece até hoje com o mesmo estilo idealizado pelo arquiteto prático Francisco Paulino. Quase nada mudou em sua arquitetura. Apenas o piso foi trocado e o altar primitiva foi demolido, sabe Deus porque motivo.

Da luta dos flagelados da seca de 1915 para erguer o templo, nada se comenta. Esse fato a poeira do tempo apagou. Da importância da Igreja na defesa da cidade contra os cangaceiros, sim. Esse episódio fez com que a Igreja se tornasse um ponto turístico da Cidade de Mossoró. Sua imagem ficou associada a esse fato de tal maneira, que não se fala em cangaceiros em Mossoró sem se referir a Igreja de São Vicente. Por tudo isso é que a Igreja de São Vicente de Paula é considerada um dos principais monumentos históricos da cidade de Santa Luzia de Mossoró.

O escritor e historiador Geraldo Maia do Nascimento lançou, no início de fevereiro, mais uma ferramenta sobre Mossoró e região: o canal "Na História".

São fragmentos da história de Mossoró, que, segundo o próprio idealizador, "… pequenas histórias para compor a concha de retalho que é a história da nossa cidade".

A Ferramenta audiovisual ajudará aos internautas na compreensão da história de Mossoró ao longo da sua construção nos mais diversos assuntos.

Geraldo Maia, além de renomado escritor com obras publicadas pela Coleção Mossoroense, lançou cordéis com o mesma pedagogia informativa e selo editorial.

Para quem tem interesse em acessar e conhecer sobre os demais assuntos de Mossoró neste novo ferramenta informativa, acesse o canal pelo link https://www.youtube.com/channel/UC3zeeh8Ac1ZiXPv_3f2LZEA, curta, compartilhe e inscreva. Ative também o sininho. Você será notificado cada vez que no novo vídeo for postado. Valorize nossos historiadores. Valorize nossos escritores. Valorize a nossa Coleção Mossoroense.

Cantinho da Poesia

Berenice
Tiago Valeriano

A noite serena cai pela varanda
Balançando cada haste de flor
Pelo leve soltar da doce lavanda
Querendo na seda pingar uma cor.

Ela surge pela porta estreita da sala
Sorrindo sem motivos para mim
Feito o cheiro adocicado que resvala
O perfume mimoso do branco jasmim.

Solta o cabelo cobrindo o rosto
Ainda infantil pelo toque do tempo
Mostrando um pouco de bom gosto
Nos olhos graúdos medindo o relento.

Aquela voz macia ainda te seduz,
O moço esperto vindo a galopar
Seguindo dos vossos olhos a luz
Indo alegre no caminho a suspirar.

Volta, Penélope!
Marcos Ferreira

Penélope, vem!... Eis o nosso grande anseio.
Volta ao nosso convívio. Vem rever teus pais
E tantos outros... Um planeta e meio
De gente que te espera. Não demores mais.

Retorna os teus projetos, teu caminho cheio
De sonhos, de esperança — coisas naturais
De um coração tão jovem, pleno e sem receio
De amar e defender seus planos e ideais.

São muitas orações a Deus a cada dia.
Pois és muito benquista. Mais do que supões.
Até por quem há pouco nem te conhecia.

Assim todas as preces vão formando fila
Na porta do Senhor, em tantas petições,
A fim de que tu voltes, cara Domitila.

Agradeça pelo que tem
Carlim Coisado

Vê se tu larga de ser imundo
De ter os zói maior que a barriga
É só você parar por um segundo
E zoiá como é que tá sua vida
Deus não dorme um só segundo
Ele toma conta desse mundo
Tenha fé e siga com a sua lida

Se tá ruim, é pra tu agradecer
Se tá bom, agradeça também
Enquanto tu tem de um tudo
Tem muita gente que não tem
Tudo pode mudar num segundo
Deus toma conta desse mundo
Tenha fé e agradeça pelo que tem

Afogar
Pedro Melo do Nascimento

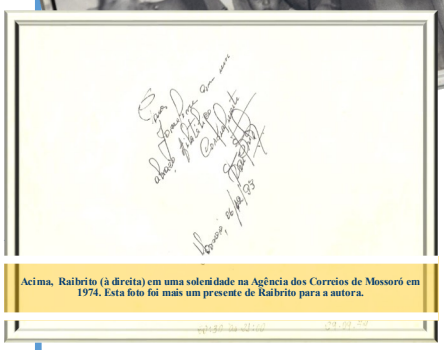
Afogar meu silêncio
Nesta boca tão tua
TE dar meu carinho
Te dar meu amor
Deitar no tem colo
Afogar me desejo
Nesta coisa tão tua
Sentir corpo a corpo
A emoção de estar amando
Neste universo marginal

Raimundo Soares de Brito

Josselene Marques

Tocou-me profundamente a notícia da partida definitiva do renomado historiador, pesquisador e escritor caraubense Raimundo Soares de Brito – com relevantes e impagáveis serviços prestados a Mossoró.

Eu ainda era adolescente quando o conheci nas dependências do Museu Municipal. Na época, também funcionava, nesse mesmo espaço, a Biblioteca Pública. Raibrito trabalhava lá como pesquisador e gostava de incentivar os jovens não só a estudarem, mas também a colecionarem selos. Meu primeiro lote de selos foi um presente dele. Como, anteriormente, havia ocupado o cargo de Gerente Postal e Telegráfico em Mossoró, naturalmente, passou a colecioná-los – tinha uma caixa cheia deles e os ofertava a quem se interessasse por esse *hobby*. Por sua influência, acabei me tornando filatelista. Chegamos, inclusive, a participar de exposições do Clube Filatélico e Numismático Mossoroense, no qual ocupei o cargo de vice-presidente por alguns anos. Costumava visitá-lo, em sua residência, sempre que resolvíamos fazer um novo pedido às filatélicas brasileiras.



Acima, Raibrito (à direita) em uma solenidade na Agência dos Correios de Mossoró em 1974. Esta foto foi mais um presente de Raibrito para a autora.

Na primeira vez em que lá estive, fiquei impressionada, melhor dizendo, encantada com todas aquelas estantes – que ocupavam quase a casa inteira – repletas de livros metodicamente catalogados. Era um verdadeiro paraíso para quem gosta de cultura, de história, enfim, de ler. Para completar, ainda tinha a sua amável e simpática esposa Dona Dinorah. Nessas ocasiões, conversávamos muito e, confesso, era difícil sair de lá, pois me sentia bem e não faltavam assuntos. Eram horas de valioso aprendizado com aquele experiente e sábio casal. Coincidentemente, depois que ela se foi, em 2004, tudo mudou: o trabalho me absorveu, a filatelia teve que ficar em segundo plano e o meu amigo, algum tempo depois, precisou mudar-se para Natal, a fim de cuidar melhor de sua saúde. Esporadicamente, sabia notícias suas pela mídia e através dos amigos que temos em comum.

Raibrito foi um homem que justificou sua passagem pela terra. Sua obra (cerca de 50 títulos) tem um valor incalculável. Mossoró lhe deve todas as honras, pois o fato de não haver nascido nesta cidade não o impediu de pesquisar, resgatar e preservar a nossa história.

Mossoroense, **Josselene Marques** e foi uma das vencedoras do Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos, categoria Crônica. Ela é graduada em Letras e Artes, pós-graduada em Psicologia Escolar e da Aprendizagem e em Atendimento Educacional Especializado. Atualmente, trabalha em uma sala de recursos multifuncionais (Escola Municipal Senador Duarte Filho), no atendimento a crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Professora aposentada há quatro anos, lecionou língua inglesa e língua portuguesa durante 25 anos, em escolas das redes estadual e particular. Ler e escrever são dois de seus hobbies – hábitos adquiridos na pré-adolescência. É colaboradora de sites, blogs, revistas e jornais literários locais, nacionais e internacionais. Administra dois blogs: o Expressão (variedades) e o Revelação (literário). Transita pelos gêneros lírico e narrativo sendo autora do livro de poemas “Sublimes Encontros”, lançado em 2015.

Fundação em Ação

O mês de junho de 2020 continuou com os cuidados ao contágio do Covid-19. Uma pandemia preocupante que fez parar inúmeros serviços mundo afora.

A Fundação Vingt-un Rosado realizou ações através do editor da Coleção Mossoroense, Eriberto Monteiro. Na manhã do dia 14 de junho, ele foi ao encontro do pesquisador e escritor Robério Santos no Museu Histórico Lauro da Escóssia para trocas de informações a respeito de assuntos diversos como publicações e cangaceirismo.

Neste mesmo momento, Robério Santo foi presenteado com obra 5 mil publicado com o selo da Coleção Mossoroense. Obra esta fruto do Concurso realizado em comemoração aos 70 anos de existência da Coleção Mossoroense.

A entrega foi feita pelo escritor, pesquisador e genealogista Misherlany Gouthier. Misherlany é um dos vencedores do Concurso Literário Coleção Mossoroense 70 anos, realizado no ano passado. O concurso culminou com a publicação da obra 5 mil com todos os textos vencedores em 4 categorias: conto, crônica, poesia e reportagem. Misherlany concorreu com o conto "A Velha Ursa do Paraú".

Durante o encontro no museu, estavam presente além de Misherlany e Robério Santos, os escritores Eriberto Monteiro e Edilson Segundo, o diretor do museu, Asclépius Saraiva; David Soares, um entusiasta da história mossoroense e Nininho, companheiro do sergipano Robério Santos.

A Fundação Vingt-un Rosado lançou mais duas obras com o selo da Coleção Mossoroense em parceria com a Editora Cordel. Trata-se dos cordéis "*Poetas mossoroenses num círculo de poesia",* de Kydelmir Dantas e "*Ser louco*", de Herculys França.

Kydelmir Dantas é um escritor consagrado pelas suas pesquisas com a temática do cangaço, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e o Trio Mossoró. Inclusive, tendo ele publicado inúmeras obras com o selo da Coleção Mossoroense.

Herculys França é um jovem cordelista natalense que se descobriu apaixonado pela poesia de cordel já na infância, influenciado pelo se pai, Manoel Oliveira, conhecido como Maneco Artesão.

As obras fazem parte da série D da Coleção Mossoroense que acomoda as publicações de cordéis. Esta série já possui 68 publicações. O início das suas publicações de cordéis começou em 1996, com a obra "Como surgiu a SBEC", do autor José Saldanha de Menezes Sobrinho.

Quer ver sua poesia / poema / artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico ?

Envie seu trabalho para os seguintes contatos:
(84) 98886 0520 (WhatsApp) ou pelo
e-mail**: fvrcm@uol.com.br** ou ainda

(Continuação)

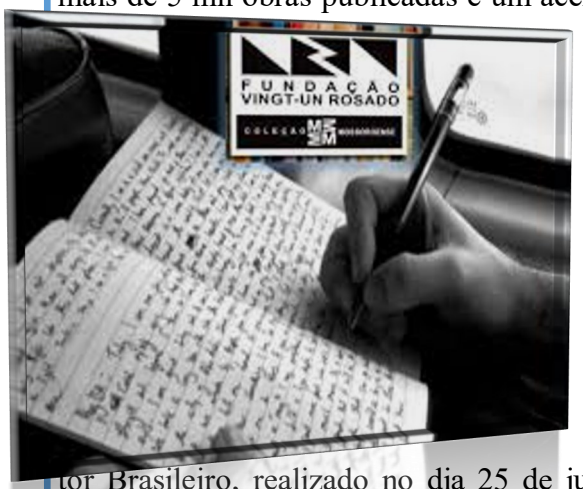
O colaborador da Fundação Vingt-un Rosado, Eriberto Monteiro, foi destaque na INTERTV Cabugi neste último final de semana.

Ele foi entrevistado pela apresentadora Manu Pessoa, para o programa Resenhas do RN e falou sobre o centenário da Capela de São Vicente de Paulo, localizada na cidade de Mossoró/RN. Ainda comentou sobre sua obra lançada com o selo da Coleção Mossoroense, "Capela de São Vicente: 100 anos de história e de religiosidade".

A reportagem é do ano passado durante os festejos mossoroenses e, devido as restrições por causa da pandemia do Coronavírus, não foi possível a realizações das festas vicentinas e juninas neste ano.

A imagem foi capturada pelo professor e historiador Tales Augusto. Tales é um grande apoiador da Coleção Mossoroense e colaborador do Novo Boletim Bibliográfico, informativo da Fundação Vingt-un Rosado. Ele é um dos incentivadores da carreira de Eriberto Monteiro. E ficou feliz com a repercussão que a reportagem trouxe: "Fiquei feliz. Agora, você fica famoso. É sempre bom divulgar boas notícias".

Eriberto Monteiro tem feito um bom trabalho de recuperação da Coleção Mossoroense, selo editorial da Fundação Vingt-un Rosado, ao lado de Maurílio Carneiro e Raniele Alves. São mais de 5 mil obras publicadas e um acervo de aproximadamente, 120 mil exemplares. Como diria o próprio Eriberto, "Um trabalho árduo, mas gratificante".



Julho é um mês dedicado aos escritores e muitas homenagens aos mestres das letras serão feitas por vários escritores e pela Fundação Vingt-un Rosado, como forma de agradecimento e para mostrar a importância dele nas nossas vidas.

A escolha de julho como dedicado aos escritores se deu pelo fato de 25 de julho ser comemorado o Dia Nacional do Escritor.

Esta data foi instituída no ano de 1960 pelo então presidente da União Brasileira de Escritores, João Peregrino Júnior, e pelo seu vice-presidente, o escritor Jorge Amado. Esta data foi escolhida após o sucesso do I Festival do Escritor Brasileiro, realizado no dia 25 de julho de 1960, com a participação de 170 autores de todo o País. literatos dos quatro cantos do País ganharam um dia de comemoração só para eles.

O escritor é o maior tesouro da Coleção Mossoroense. Sem ele, a própria Coleção não existiria, por isso, parabéns a todos os escritores, pelas páginas da Coleção ou não. Vocês que dão vida a informação, a imaginação, merecem todo respeito e admiração. A sua relevância social e educacional jamais poderá ser esquecida.

A Coleção Mossoroense é responsável por revelar inúmeros escritores, dentre eles Geraldo Maia do Nascimento, Dorian Jorge Freire, Maria das Graças Henrique, Dix-sept Rosado Sobrinho, Caio César Muniz, Eriberto Monteiro e outros.

A Fundação Vingt-un Rosado lamenta não poder apoiar integralmente os projetos literários atuais devido questões financeiras. Porém, nunca de acreditar no seu potencial e incentivá-lo a continuar nesta batalha cultural .

Parabéns, escritores. Este mês é de homenagens, mas sua importância vai muito além das datas e das comemorações.

Que a Coleção Mossoroense continue sendo palco para a realização do seu escrever e que muitas outras obras possam ser publicadas…

Wilson Bezerra de Moura
wilsondefatima@hotmail.com

De pastor a julgador

Wilson Bezerra de Moura

Livrai-nos oh! Deus dos males presentes e, se possível, dos futuros, porque, ao que parece, esses males dominante são incuráveis. Vem desde o princípio de nossa descoberta.

É um tipo e vírus que nunca existiu vacinas ou remédio para combatê-los. Apareceu quando da brutalidade dos descobridores ao instituírem a roubalheira, a discriminação, a escravidão e muitos outros tipos de mazelas que atormentam qualquer sociedade.

Corre um risco muito grande do quadro político nacional não ter solução, aumenta-se partidos, criando facções e nelas seus filiados chegam todos infectados com o vírus da desonestidade. Em todo trajeto de sua história política os absurdos muito tem se caracterizado com comportamento desastrado. São poucas as exceções.

O primeiro escândalo que assombrou o país inteiro foi os "Anões do Orçamento". Lembro que o presidente da Câmara dos Deputados, que não me recordo o nome, deu o maior escândalo. Gritou desaforadamente, jurou amor ao Brasil, enrolado na bandeira nacional, perante todo o público a beijou, chorou.

Em suas lamentações, com palavras de alto e péssimo som, disse não acreditar quem tivesse coragem de praticar um ato dessa natureza.

Moral da história:

Era ele o próprio ladrão do orçamento. Até hoje desapareceu dos quadros políticos da nação.

Vírus transmitiram-se por conta própria a outros inúmeros diligentes, sem falar na "Lava Jato", que também, por livre e espontânea vontade, laçaram-se a muitos outros herdeiros do trono da corrupção.

Não dá para acreditar no que se escuta, na própria crise vertiginosa da história do Covid -19, o rombo está grande… Acredita?

O terrível vírus não escolhe cor, religião quaisquer tendências ele contamina, a exemplo do que aconteceu com um ex-governador do Rio de Janeiro, um evangélico que encalhou nas grades com outros colegas, alguns com sentença de até 100 anos de prisão.

Aguardemos os fatos que estão sendo apurados. Talvez aconteça com mais um governador do Rio de Janeiro que não é do quadro de uma igreja evangélica, mas pertencia a um Tribunal de Justiça.

Queira Deus que esse atual governador corte a fita simbólica de expurgo do grande vírus que vem a milhares de anos atormentando esse país do absurdo.

Frades alemães no Alto da Conceição—Parte I

Edvaldo Morais

* Frei Raul Sellbach

Nos anos 70 tivemos a oportunidade de fazer parte do grupo de doze acólitos (ou coroinhas), que serviam no altar durante as celebrações na Paróquia do Alto da Conceição, cujo vigário paroquial era o frade alemão Frei Raul Sellbach.

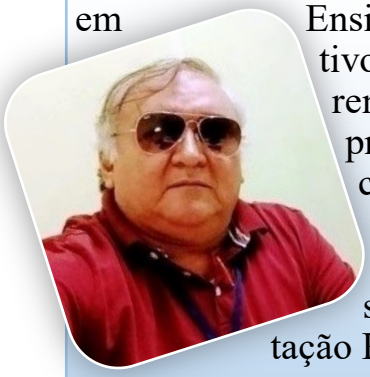
As atividades não se limitavam a participar das missas. Frei Raul desenvolvia um programa de formação que englobava estudos, esportes, recreação, fotografia, passeios, dentre outros. Logo ele conseguiu, via órgãos caritativos na Alemanha, uma Kombi zero quilômetro para a Paróquia, o que melhorou consideravelmente o desenvolvimento das ações. Na Kombi, além do frade, cabiam exatamente os doze acólitos.

Dentre os diversos passeios, um está sempre na lembrança: a cidade de Tianguá, localizada a 750 metros de altitude, na Serra da Ibiapaba/Ceará, integrante do Parque Nacional de Ubajara, cidade onde Frei Raul já estivera como pároco e onde há também um convento franciscano. Fica distante quase seiscentos quilômetros de Mossoró; foi uma semana de aventura, diversão, muito frio e conhecimentos. Mas reportando-nos ao trabalho de evangelização e social de Frei Raul em Mossoró, um sacerdote a frente do seu tempo, recordamos: Missa da juventude nas noites de sábado, com conjuntos musicais convidados.

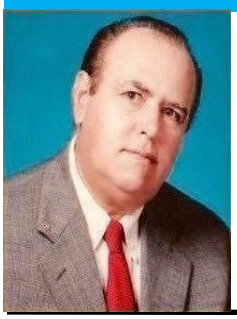
Trouxe muitos jovens para a igreja. Campeonato de futebol, no mini campo que estruturou dentro do terreno do Convento. Pregações nas missas utilizando projetor de slides. Realização de passeios para a Praia de Tibau em ônibus com grupos das comunidades rurais que não tinham condições de ver o mar, dentre várias outras inovações.

Deixou saudade quando foi transferido de Mossoró para Campina Grande/PB e, posteriormente, sua terra natal.

Foto: Frei Raul com crianças da primeira comunhão – Anos 70 (Acervo da paróquia do Alto da Conceição).



Edvaldo Morais Lopes - Mossoroense, do Alto da Conceição. Tem 61 anos. Graduado em Ensino Religioso (ESER) e Turismo (FACEX). Servidor do Poder Executivo Municipal em Ceará-Mirim/RN, onde reside desde 1987 e foi Gerente Administrativo da Agência do Banco Mossoró S/A. Casado com a professora Francisca Lopes, tem dois casais de filhos, formados e concursados, são todos servidores públicos federais. Desde 2007 atuando na blogosfera, foi pioneiro na Grande Natal em postagens via Blogs na internet. Atualmente é colaborador do Grupo Relembrando Mossoró/Facebook e apresenta programas radiofônicos na Web Rádio Estação Retrô, de Ceará-Mirim. (http://www.radios.com.br/play/144498).



Benedito Vasconcelos Mendes
beneditomendes@gmail.com

Quem foi Lampião ?

Virgulino Ferreira da Silva, autodenominado "Capitão Virgulino, Governador do Sertão" e também conhecido pela alcunha de "Lampião, o Rei do Cangaço", foi o mais famoso, o mais temido, o mais sanguinário, o mais cruel, o mais desumano de todos os cangaceiros brasileiros. Segundo a crença popular, a alcunha "Lampião" foi dada devido à rapidez com que ele manejava seu antigo rifle Papo Amarelo (rifle Winchester, modelo 1873, de fabricação americana), que nos combates noturnos provocava um clarão semelhante ao produzido pelo farol de iluminação caseira, conhecido por lampião a querosene.

Inteligente e conhecedor do ambiente seco e quente do Polígono das Secas, especialmente de sua vegetação, de seu território e de sua fauna, desenvolveu uma estratégia de sobrevivência na caatinga baseada no alimento, na água, na medicina caseira, no conluio com os coronéis coiteiros e na perícia de se defender e atacar as volantes (polícia) no ambiente sertanejo e, com isso, tornou-se o maior estrategista de combate na caatinga de todos os tempos.

Fenotipicamente, Lampião era uma figura esbelta, de estatura entre mediana e alta, amulatada, semicorcunda, queixo desenvolvido, mãos excessivamente grandes, com dedos finos e compridos e o olho direito cego por uma estrepada de espinho de quipá (cactácea nativa do Nordeste).

Foi um cangaceiro nascido no final do século XIX e que viveu nas três primeiras décadas do século XX, na região seca do Nordeste brasileiro. Veio ao mundo no dia 4 de junho de 1898, na cidade sertaneja de Vila Bela, hoje Serra Talhada, localizada no Vale do Rio Pajeú, em plena região semiárida pernambucana. Morreu no dia 28 de julho de 1938, quando estava homiziado com parte de seu bando de cangaceiros na Grota de Angico, no município sergipano de Porto da Folha. Com a criação do novo município, a Grota de Angico passou a pertencer ao município de Poço Redondo/SE. Foi morto a tiro de fuzil pelo soldado Sebastião Vieira Sandes, alcunhado de Santos, pertencente à volante comandada pelo então Tenente João Bezerra (João Bezerra da Silva, 1898- 1970), da Polícia Militar do Estado de Alagoas. Neste ataque morreram Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros, além do soldado Adrião Pedro de Souza, 1915-1938, da volante de João Bezerra. Suas cabeças foram expostas e fotografadas na cidade alagoana de Piranhas. As de Lampião e de Maria Bonita foram levadas para a Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, para serem estudadas pelos médicos-legistas, com a finalidade de provar a existência ou não de 1Benedito Vasconcelos Mendes graduou-se em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal do Ceará, cursou o Mestrado na Universidade Federal de Viçosa-MG e o Doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Foi professor titular e diretor da antiga Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), hoje Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). características lombrosianas. Depois ficaram expostas no Museu Antropológico Estácio de Lima, localizado no prédio do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, até 1969, quando foi exigido na justiça o sepultamento. Lampião não possuía características faciais típicas (face lombrosiana) de quem tinha tendência para o crime violento, como preconizava a teoria do médico psiquiatra italiano Cesare Lombroso.

Pertencia a uma família de pequenos produtores rurais, tinha sete irmãos (quatro mulheres e três homens) e seus pais, ajudados pelos filhos, viviam como os demais catingueiros da região, tirando o sustento da família da exploração da terra, praticando a agricultura de subsistência, plantando feijão, milho, mandioca, batata-doce, melancia, jerimum e outras culturas, cultivando algodão mocó, criando aves domésticas, galinhas, capotes, patos e perus, criando cabras, ovelhas, jumentos, burros, cavalos e uns poucos bovinos, além de ter trabalhado como almocreve.

(Continuação)

Nos sertões pernambucanos, os pequenos produtores rurais de sua época praticavam, também, o extrativismo de madeira para carpintaria, marcenaria, construção civil, cerca, lenha e carvão. Caçavam, pescavam e coletavam frutos comestíveis das plantas nativas e mel de abelhas silvestres. Podemos dizer que, socioeconomicamente, a família de Lampião pertencia à classe média baixa. Lampião, antes de entrar para o cangaço, sofreu as consequências da tenebrosa e severa seca de 1915, que foi tão bem descrita pela romancista cearense Raquel de Queiroz, em seu famoso livro O quinze. Já vivendo fora da lei, testemunhou as catastróficas secas de 1919 e de 1932. Como habitante do sertão semiárido, Lampião assistiu ao sofrimento dos sertanejos nos períodos das calamidades climáticas, quando, devido à carência de chuvas, não conseguiam cultivar seus roçados, faltavam água e alimentos para o gado e para o homem. O gado morria de fome e sede e o povo adoecia e perecia de fome e das epidemias de cólera, varíola e catapora. Os sertanejos que viviam na região atormentada pelas secas periódicas sofriam muito, pois as doenças, a falta de alimentos e a morte de seus entes queridos e de seus animais domésticos os obrigavam a fugir para os seringais da Amazônia, para trabalhar na coleta da borracha de seringueira e, tempos depois, passaram a migrar também para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Lampião foi alfabetizado na antiga e precária escola rural, onde o mestre-escola o ensinou a ler, escrever e a contar. Ele passou a infância e o início da adolescência trabalhando no campo com seu pai. Ainda muito jovem, trabalhou como artesão de couro, confeccionando arreios e outros artefatos, e como almocreve, transportando em lombos de burros produtos alimentícios para as feiras e casas comerciais das vilas e cidades regionais. Após a morte de seu pai, entrou para o bando de seu tio Antônio Matilde (Antônio José Ferreira) e depois para o grupo do cangaceiro Sinhô Pereira (Sebastião Pereira e Silva, 1896-1979), seu conterrâneo de Serra Talhada. Pouco tempo depois, em 1922, ocupou o lugar do seu chefe, que abandonou o cangaço e foi morar em Goiás. Lampião, ao entrar na vida bandoleira, levou seus dois irmãos mais velhos, Livino Ferreira da Silva, apelidado "Vassoura", e Antônio Ferreira da Silva, conhecido por Esperança, e tempos depois trouxe para o cangaço seu irmão mais novo, Ezequel Ferreira da Silva, cognominado Ponto Fino.

Foram seus pais José Ferreira da Silva e Maria Vieira da Soledade. Seu pai foi morto a tiro pelo Segundo Tenente José Lucena de Albuquerque Maranhão (1890), no terreiro de sua casa, na cidade alagoana de Mata Grande, onde, poucos dias antes, também tinha morrido sua esposa. Segundo a literatura, Lampião, seu pai e sua mãe usaram vários sobrenomes, daí o grande número de nomes próprios que tinham, principalmente sua mãe. O documento de onde tiramos a data de nascimento de Lampião e o nome completo de sua mãe foi a sua Certidão de Batismo (Batistério), fornecida pelo Vigário da Paróquia de Floresta, da Diocese de Pesqueira-PE, Padre Joaquim Antônio de Siqueira Torres, com data de 6 de agosto de 1961.

Lampião pertencia a uma família valente e muita unida, sob a liderança firme de seus atormentados pais, que passaram os últimos anos de vida envolvidos em confusões criadas pelos seus três filhos mais velhos (Antônio, Livino e Virgulino). Sua família teve que deixar sua terra natal, Serra Talhada, e fugir para outras cidades, primeiramente para a fazenda Poço do Negro, próxima a Nazaré do Pico, Distrito de Floresta-PE, e depois para os municípios alagoanos de Água Branca e Mata Grande, sendo este último o município onde morreram sua mãe e seu pai. José Ferreira, pai de Lampião, foi morto pela polícia em consequência de roubos e brigas praticados por seus filhos. Sua mãe faleceu de morte natural. O primeiro litígio da família Ferreira ocorreu ainda quando ela residia em Serra Talhada, ocasião em que seu vizinho José Saturnino (José Alves de Barros) entrou em desavença com os filhos de José Ferreira, por motivo de roubo de criações. Devido a esta briga, a família de José Ferreira ficou peregrinando por vários lugares em Pernambuco e Alagoas, para fugir das perseguições policiais, a mando de José Saturnino e/ou em consequência de roubos e confusões realizados pelos irmãos Ferreira. Em um curto período de tempo, a família Ferreira mudou-se de Serra Talhada para Floresta-PE e daí para a cidade alagoana de Água Branca e de lá para Mata Grande, também em Alagoas. O clima de conflito entre a família Ferreira e a de José Saturnino induziu Lampião e seus irmãos para o banditismo. José Saturnino, quando menino, era amigo de Lampião. Sua família tinha mais posses do que a de Lampião, mas não chegava a ser considerado coronel do sertão.

(Continuação)

Os cangaceiros praticavam a medicina popular usada pelos sertanejos para a cura de suas doenças. Seus remédios caseiros geralmente eram as banhas de animais e aqueles feitos com partes de plantas. Para o tratamento de muitas doenças, usavam a banha de tejo, banha de cobra cascavel, banha de raposa, banha de cágado, banha de jia, banha do peixe traíra e banha de galinha. Utilizavam também raízes, cascas de caules, folhas, flores, sementes e frutos das plantas, para fazer unguentos, cataplasmas, chás, xaropes, garrafadas e lambedores, visando curar os mais diferentes males. Os ferimentos a bala eram sarados com pimenta malagueta e sal grosso. Os golpes de faca eram costurados com linha zero e agulha grande de coser tecido grosso.

Nas horas de lazer, em seus esconderijos na caatinga, alegrados pela cachaça, Lampião e seus cangaceiros declamavam poesias de cordel, cantavam, tocavam sanfona, zabumba e dançavam o xaxado (dança para homens, na qual a mulher era substituída pelo rifle). Jogavam baralho (cartas), dados (bozó) e outros jogos para se distraírem. A alimentação dos cangaceiros tinha como base o feijão de corda; o milho; a farinha e a goma de mandioca; a rapadura; o queijo de coalho; a manteiga da terra; a banha, o toucinho e a carne de porco torrada e mergulhada na gordura e a carne de gado seca (carne de boi salgada e seca ao sol). A cabra, o carneiro, a galinha, os peixes de água doce nativos dos rios da região (curimatã, traíra, piau, cangati, muçum, cascudo e outros) e as caças de animais silvestres (preá, mocó, tejo, tatu, tamanduá, veado catingueiro, avoante, rolinha, juriti, marreca, pato selvagem, asa branca e muitos outros animais) também faziam parte da alimentação dos membros do bando.

Naquela época, os latifundiários, que eram as pessoas mais ricas do sertão, eram chamados de coronéis, pertenciam a uma classe social privilegiada, e, além de serem detentores de extensas áreas de terra, possuíam poder econômico e político nas vilas e cidades sertanejas, e se arvoravam de donos da lei e da polícia. Com prepotência, truculência e arrogância perseguiam, prendiam, torturavam e matavam seus desafetos. Mandavam no povo porque tinham dinheiro, prestígio e "votos de cabresto" para eleger os políticos que lhes garantiam o poder local. O povo pobre, abandonado pelo poder público, só tinha uma opção: aceitar a ordem estabelecida pelos ricos e poderosos.

José Saturnino, embora não fosse considerado coronel do sertão, era valente, tinha prestígio com a polícia, enfrentava e perseguia o pai, o próprio Lampião e seus irmãos.

Os irmãos Ferreira sentiam-se injustiçados e não aceitavam a prepotência e os insultos de Saturnino, o que os estimulou a pretenderem fazer justiça com as próprias mãos, escolhendo a vida cangaceira.

A religiosidade de Lampião, dos demais cangaceiros e de todo o povo do sertão era baseada no misticismo herdado dos tapuias, na romaria para venerar os santos populares, eleitos pelo povo, como Padre Ibiapina, Padre Cícero e Beato Antônio Conselheiro. No sertão semiárido, existem os santos populares, santificados pelo povo, mediante o endeusamento dos líderes religiosos carismáticos, como ocorreu com o Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Frei Damião, Beato Zé Lourenço, Beato José Senhorinho e outros.

Lampião acreditava nas orações fortes, para adquirir corpo fechado, e nos amuletos, para se proteger das armas dos inimigos. Ele usava orações manuscritas dentro da carteira de dinheiro e/ou acondicionadas em saquinhos de couro, pendurados no pescoço, como proteção contra facadas e balaços. Era um devoto incondicional do Padre Cícero e se ajoelhava em plena caatinga para rezar e pedir proteção aos santos de sua devoção.

Era costume dos cangaceiros pedir às rezadeiras sertanejas para fechar seus corpos com a oração de São Bento. Eles acreditavam que, tendo o corpo fechado, estariam protegidos das armas dos seus inimigos.

(Continuação)

Os cangaceiros usavam uma vestimenta especial, que lhes conferia uma estética própria, formada pelo chapéu de couro, bornal, cabaça d'água, matulão, cartucheira, lenço de pescoço e casaco de mangas compridas e bolsos. Calçavam alpercatas de couro e suas armas brancas eram o punhal, com cabo artisticamente trabalhado, e o facão, que era usado para serviços gerais e, às vezes, para decepar a cabeça de inimigo já morto. O punhal de Lampião era exageradamente grande, com 82 centímetros de comprimento, muitas vezes usado para ser introduzido na "saboneteira" (fossa clavicular esquerda, localizada acima da clavícula) para atingir o pulmão e o coração de suas vítimas. Lampião usava como armas de fogo a pistola (Parabellum), o rifle Papo Amarelo, usado até 1926, e o fuzil Mauser, modelo 1908, calibre 7x57, usado após 1926.

PARABELLUM
PISTOLA ALEMÃ LUGER P-08

A indumentária dos cangaceiros do grupo de Lampião primava pela beleza e utilidade. O chapéu de couro e o bornal eram enfeitados com artísticos bordados. O chapéu típico do cangaço tinha as abas dobradas e decoradas com belas peças de couro, moedas de prata ou ouro, medalhas de santo e estrela de David feita de metal, pregadas na aba da frente do chapéu. Lampião era um exímio costureiro e usava máquina de costura manual.

Lampião, muito vaidoso que era, gostava de ver e ler nos jornais a sua fotografia e a de seu bando de cangaceiros, bem como as reportagens e artigos que escreviam sobre ele e seu grupo de malfeitores. Fazia seu marketing pessoal nas entrevistas que dava, quando se autoproclamava Capitão Virgulino, o Rei do Cangaço e Governador do Sertão. O povo o tinha como muito corajoso, valente, malvado, rico e poderoso. Ele gostava de distribuir dinheiro em moedas para as crianças e de retribuir favores aos coiteiros. Lampião, ao longo de seus mais de 20 anos de vida cangaceira, praticou, ele e seus cabras, os mais cruéis castigos e mortes às suas vítimas. O povo amedrontado imputava os mais hediondos crimes a Lampião e seu grupo, como os de castrar, estuprar, sangrar, cortar a língua, cortar orelha, ferrar no rosto com ferro quente e outros terríveis suplícios. Um dos mais hediondos métodos de matar usado por Lampião e seu bando era sangrar a jugular ou a carótida de suas vítimas. Degolar seus inimigos e expor as cabeças em estradas e em outros locais públicos eram uma prática comum entre os cangaceiros e volantes, usada como forma de intimidação.

Lampião conquistou um grande leque de amizades entre os coronéis sertanejos, aqueles latifundiários que detinham o poder político e econômico no sertão e por isso dominavam a justiça e a polícia. Nos sertões nordestinos, na primeira metade do século XX, vigorava a "lei do mais forte". Os coronéis eram pessoas privilegiadas, que conseguiam o que queriam pela força das armas. Geralmente residiam em suas fazendas de criação de gado, cuja casa-sede em que habitavam era semelhante a um bunker, guarnecido pelos jagunços. Possuíam verdadeiros exércitos de capangas, disfarçados de vaqueiros. Esses coronéis geralmente mantinham estreita aliança com Lampião, na esperança de, quando necessitassem, receber o reforço armado do Rei do Cangaço, em suas eventuais contendas políticas. Forneciam a Lampião armas, munições, hospedagem, proteção e comida para o bando, quando estavam arranchados em suas fazendas. Esses coronéis políticos do sertão eram detentores de grande prestígio e eram cortejados pela sociedade. Geralmente eram coiteiros do Rei do Cangaço e, sem eles, jamais Lampião teria se mantido tanto tempo vivo e sem ser preso.

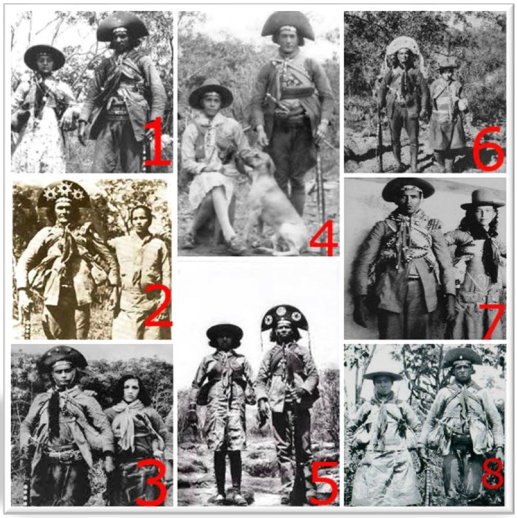
Com exceção do Maranhão e Piauí, Lampião atuou em todos os outros Estados nordestinos, invadindo fazendas, vilas e cidades para roubar dinheiro, joias, alimentos, armas e munições. Extorquia e matava com crueldade, como meio de vida, com o único objetivo de tirar proveito material. Lampião aterrorizava a população sertaneja para impor seu poder. Provocava o medo e a intimidação para se manter com autoridade perante o povo. Não tolerava traição e aquele que comunicasse às volantes (polícia) o local do seu esconderijo pagaria com a vida, após ser brutalmente torturado, para servir de exemplo aos demais moradores da região.

(Continuação)

Os grupos de cangaceiros eram formados somente por homens, mas em 1930 Lampião inovou o cangaço levando Maria Bonita para conviver com ele, passando ela a fazer parte do seu grupo de cangaceiros e a partir daí começou-se a permitir a presença de mulheres no cangaço. A entrada de mulher no grupo de cangaceiros só era permitida se ela fosse amante de algum membro. Lampião não aceitava mulher descompromissada no seu bando, tinha que estar amigada com algum cangaceiro. As mais famosas cangaceiras foram Maria Bonita (Maria Gomes de Oliveira, 1911- 1938); Dadá (Sérgia Ribeiro da Silva, 1915-1994), companheira de Corisco; Lídia de Zé Baiano; Enedina de Cajazeira, Sila, mulher de Zé Sereno; e Durvinha, amante de Moreno.

Lampião visitou o Padre Cícero (Cícero Romão Batista, 1844-1934) em Juazeiro do Norte em 1926, onde recebeu a patente falsa de Capitão do Batalhão Patriótico, criado pelo Deputado Floro Bartholomeu da Costa (1876-1926) para combater a Coluna Prestes, que à época estava rondando os sertões nordestinos. Lampião recebeu também fardamento e fuzis doados por Floro Bartholomeu, com a justificativa de que iria combater a Coluna Prestes.

A maior façanha de Lampião foi invadir a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, no dia 13 de junho de 1927. À época, esta cidade já era desenvolvida e populosa, com cerca de 25 mil habitantes. Os invasores foram rechaçados pela população, sob a liderança do Prefeito Rodolfo Fernandes (Rodolfo Fernandes de Oliveira Martins, 1872-1927).



Casais formados no cangaço:
(Fonte: http://blogdomendesemendes.blogspot.com/)

1 - Lampião e Maria
2 - Corisco e Dadá
3 - Pancada e Maria Jovina
4 - Luiz Pedro e Neném
5 - Canário e Adília
6 - Gato e Inácia
7 - Português e Quitéria
8 - Marreca (Cirilo) e Moça

Mantenha a Coleção Mossoroense viva

Deposite, transfira, colabore.

Fundação Vingt-un Rosado
CNPJ 70.302.583/0001-90
Banco do Brasil - Agência 0036-1
Conta Corrente 153714-8

AMLC em destaque

Gualter Alencar do Couto

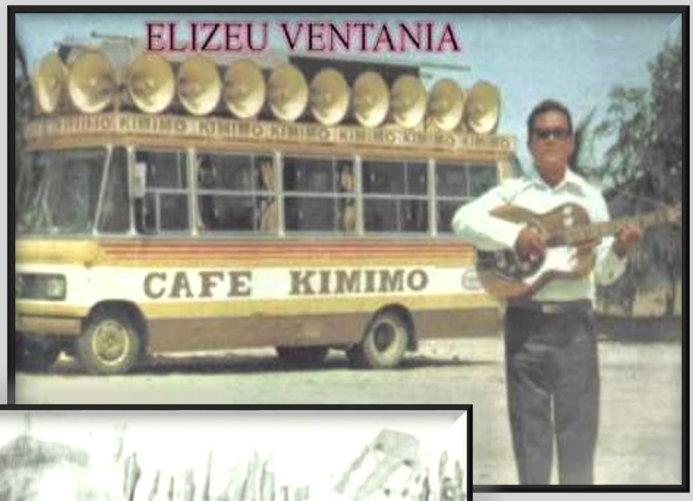
Hoje a Academia está mais fortes do que nunca, mesmo com a pandemia que atinge diretamente os artistas de forma geral. Será o início das nossas ações no Novo Boletim Bibliográfico. Nesta edição, escreverei um pouco sobre Elizeu Ventania. Nome artístico de Elizeu Elias da Silva. Presidente de honra, in memoriam, da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel e Patrono da cadeira de número 1, cujo ocupante é o Poeta do Amor, o cancioneiro Nilson Silva.

Seu pai era Eustáquio Rodrigues da Silva e sua mãe Maria Raimunda da Conceição. Um bom fruto da sua criação.

Aqui citamos a sua canção Folha Seca. Canção que o consagrou como "*O Rei das Canções*".

"*Folha seca desprezada*
Que hoje está separada
Das rosas do teu jardim
Nascestes entre a grandeza
Em um pomar de beleza
Hoje eu te vejo assim:
Pelas estradas rolando
O vento te carregando
Sem ter direito a pousar
Sujeira à forca do vento
Eu olho teu sofrimento
Fico tristonho a pensar.

Eu também fui bem criado
E hoje tão desprezado
Vivo a sofrer sem ninguém
Igualmente a um peregrino
Jogado pelo destino
Vivo sofrendo também
Do meu lugar vivo ausente
Não tenho nem um parente
Para prestar-me atenção
Nesta existência perdida,
Eu sou a folha sem vida
Que vive a rolar no chão".



Elizeu Ventania é precursor da canção, sendo ele o número 1 da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel.

No próximo informativo, escreveremos um pouco sobre João Liberalino, Patrono da cadeira de número 2 da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel.

Fotos: Google.com.br e https://ideias-efatos.blogspot.com/

MPF pede que Youtube remova vídeo sobre cura para Covid-19

Ricardo Alfredo de Souza

Deparei-me com essa notícia enviada para mim por um velho amigo, que é filosofo e o pesquisador, além de historiador. Busquei encontrar a verdade deste fato, não por duvidar do amigo, mais porque vivemos em dias de fake new. Entretanto, o Ministério Público Federal (MPF) enviou um pedido ao YouTube solicitado a retirada do vídeo do apóstolo Valdemiro Santiago e sua promessa de cura do Covid-19.

De acordo com o vídeo, por fé, a pessoa depositaria a quantia de R$: 1.000,00 (mil reais), e Deus, por fé, daria a cura.

Bem sei que a muito tempo escrevo e acredito no Deus eterno, o qual é a maior razão do meu viver. Por outro lado, quem acompanha minhas páginas em jornais, revistas, Tv e outras plataformas, sabem que nunca foi radical e dogmático. Pelo contrário, minhas posições teológicas e jurídicas são pautadas no bom senso de um mundo moderno e num Deus criador de todas as coisas.

Quanto a minha formação, já é bem conhecida, no mundo acadêmico e aceita como ideias prudentes e fundamentadas nas ciências, tanto humanas como nas divinas (sagradas letras). Todavia, neste caso, de venda de cura, benções e etc… deixa o meu coração profundamente triste, pois o Deus que conheço e com quem converso, não negocia, não faz permuta e nem aceita sacrifício de tolo, não dar sua glória a ninguém e nem tem o culpado por inocente.

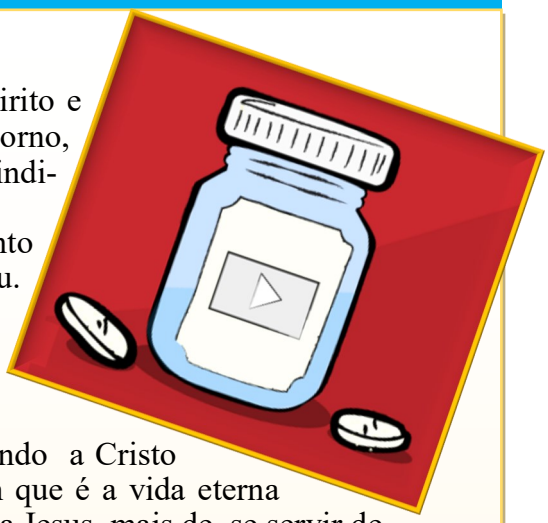
Como o mundo entrado em depressão, dor, angústia e em busca de uma resposta, surgem diversas pessoas querendo se locumplementar do momento de fraqueza, duvida e sofrimento alheio.

A fé vê o invisível. Porém, a fé não é ignorante, pois ela parte de um Deus sábio e do espirito santo, grande professor, que ao homem ensina a ter discernimento, do que é humano, teorias, e do que espiritual, vindo de Deus.

Quando o homem está ligado a figueira verdadeira e seus passos agrada a Deus, ele pode até cair em ilusões porem lá não ficará, pois, o próprio criador ordem que o retire da cova. Assim é essas teorias humanas, que tem como objetivo ganhar dinheiro para vivem bem as custas da fé.

Grande parte da culpa é nossa, teólogos, que fazemos silêncio, ao ver o povo ser jogado de um lado para outro, como ovelhas sem pastor. E nos (teólogos e servos de Deus), permitimos na nossa omissão que isso aconteça.

(Continuação)



Deus pode sim curar, salvar, batizar com o santo espirito e levar ao seu reino. Todavia, nunca aceitou e nem aceitará suborno, pressão, mentiras dos dogmas humanos, egoísmo da fé, compra indireta da cura.

O apóstolo Paulo, doutor, cheio do Espirito Santo mostra que com Deus não se barganha e quem tentou morreu. Caso de Simão o magico. (Atos 8.14-17)

As sagradas letras, a bíblia, ensina que a verdadeira prosperidade vem de Deus. Contudo, Deus não barganha com ninguém, como vou dar cem (100) e Deus retorna (1000) mil.

De forma triste, temos visto, dezenas de pessoas indo a Cristo com esse intuito, barganha, sem pensar na verdadeira mensagem que é a vida eterna que vem através de Cristo. E assim não existe o objetivo de servir a Jesus, mais de se servir de Jesus. Sendo estar a mensagem atual da teologia da prosperidade obrigatória, ou seja, teologia antropocêntrica.

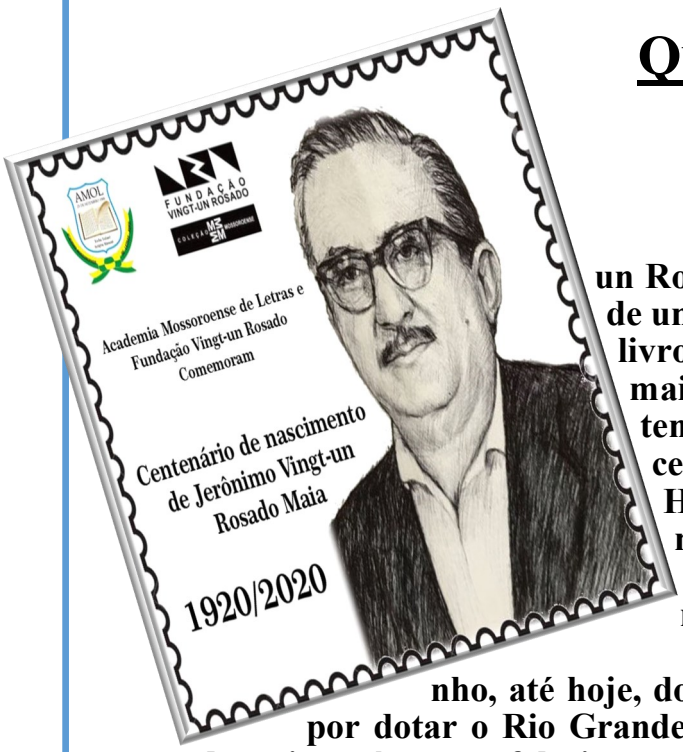
Cristo nos ensinou no sermão do monte, e nos manda ajuntar tesouros no céu e não na terra, pois onde esti*ver* nosso tesouro, ali estará o nosso coração (Mt 6:19-21). Lição para os pregadores, bispos, pastores, padres e cardeais que são desatualizados com o reino de Deus.

Se alguém faz um voto, age por fé, e se submete a vontade de Deus. Isso é normal. Entretanto, alguns ensinam que devem colocar Deus no canto de parede e exigir dele tudo. Falta de conhecimento, Ele é poderoso e nunca via ficar sobre nenhuma chantagem humana.

Portanto, leia as sagradas letras, medite e peça a Deus sabedoria para poder discernir suas obras e as obras dos homens.

Imagens: www.gooogle.com

Ricardo Alfredo *de Souza* é Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Mater Christi (2010), graduação em licenciatura plena em Ciências da Religião pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (2008), Bacharel em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (2007) e Graduação em ciências físicas e biológicas pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (1999). Especialista em Psicopedagogia, Ensino da Matemática, Geografia e meio Ambiente. Mestre em Teologia pela universidade evangélica Del Paraguai. Atualmente é professor Sec. da Educação e da Cultura, atuando principalmente em Física e Química. Ricardo é membro da Academia Mossoroense de Letras e da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais.



Quando estive com Doutor Vingt-un

"Quando estive, pela primeira vez com Vingt-un Rosado, no final do mês de abril de 2005, para fins de uma entrevista e conhecimento sobre seu mundo de livros, a Coleção Mossoroense, sua paixão material mais forte contava com quatro mil e duzentos e setenta e cinco títulos. Dessas publicações, mil quatrocentos e dezesseis estavam editadas como livros. Hoje, já se vai ultrapassando em vários títulos esse número. Além disso, recentemente foi criado, para abrigar alguma memória da Coleção, um site na internet.

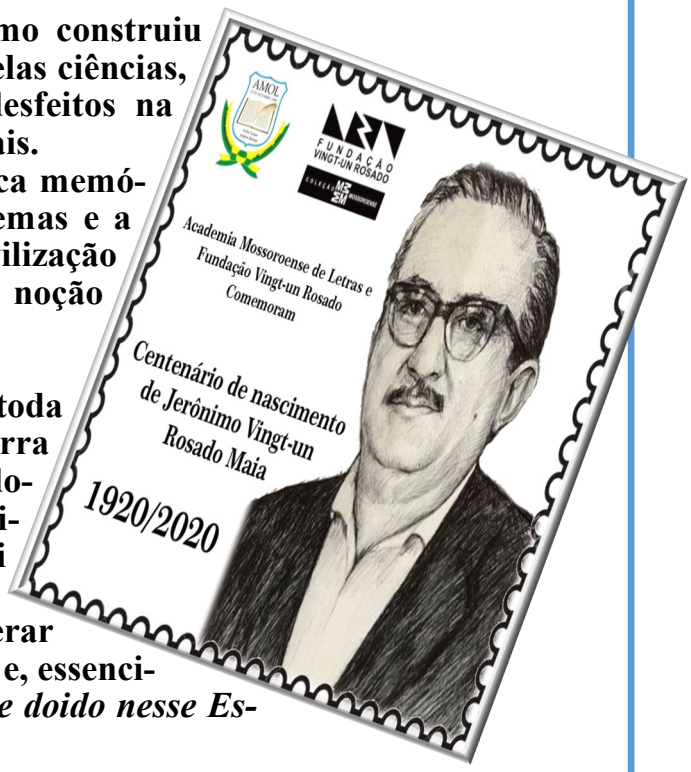
Daí já se apresentava a imagem que eu mantenho, até hoje, do mestre Vingt-un: a de um guerreiro infatigável por dotar o Rio Grande do Norte e sua querida Mossoró de um acervo que perduraria após o seu falecimento, ocorrido no fim desse ano difícil que foi 2005. Transformou-se em verdadeiro monumento à cultura de nosso povo, merecedor em vida de todas as comendas e homenagens que recebeu, e, hoje noutra dimensão, digno da lembrança permanente e do orgulho de sua gente.

Falou-me, naquela ocasião, sobre como construiu essa obra imensa. Descreveu-me seu interesse pelas ciências, principalmente a Paleontologia, seus planos desfeitos na Política e sua grande vitória nas batalhas culturais.

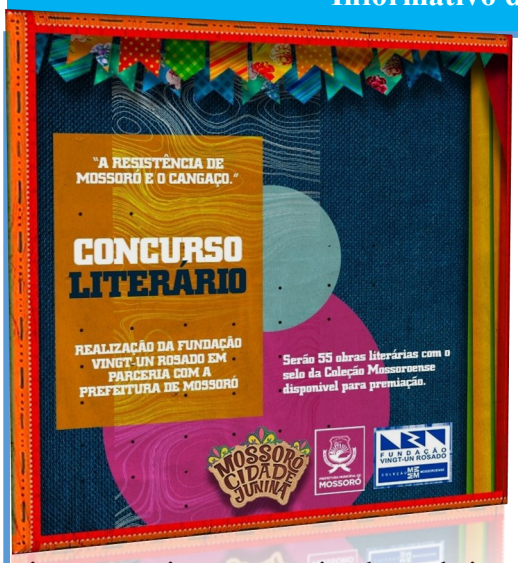
Impressionou-me, sobretudo, a sua rica memória e o conhecimento profundo sobre os problemas e a valorização da cultura como instrumento de civilização e de redenção de seu povo, o móvel maior e a noção precisa do valor de sua luta.

(...)

O que, no entanto, mais me marcou – em toda nossa conversa - foi a confirmação de que a guerra que travou contra as dificuldades para poder dotar sua gente de patrimônio material, e, principalmente, dos valores imateriais da cultura, foi incomensurável e somente será dimensionada com exatidão em um futuro que - devemos esperar — seja bem próximo. Para isso, cabe muito bem e, essencialmente, a sua frase forte: "*Cultura é negócio de doido nesse Estado!*".



Lívio Oliveira
Advogado e Escritor



A Fundação Vingt-un Rosado lançou no último dia 3 de junho o Concurso Literário Junino em parceria com a prefeitura de Mossoró, através da Secretaria Municipal da Cultura, com a temática "**A resistência de Mossoró e o Cangaço**".

A ideia do concurso girou em torno da celebração *dos* os 93 anos da Resistência de Mossoró ao bando de Lampião, do centenário de nascimento de Vingt-un Rosado, dos 70 anos da Coleção Mossoroense e dos 25 anos de criação da Fundação Vingt-un Rosado.

Antes, só poderiam concorrer somente com o gênero "crônica jornalística", sendo "o público em geral de Mossoró e que residam em território mossoroense".

Depois de consulta aos jurados, da baixa participação e a solicitação de abertura para outros demais gêneros literários, a comissão organizadora abriu as portas para que todos os interessados pudessem concorrer nesta festa da literatura.

O resultado foi divulgado oficialmente no site colecaomossoroense.org.com.br no dia 30 de junho, após as avaliações técnicas dos jurados.

Segundo o regulamento do concurso, "*Serão premiados os 10 (dez) melhores trabalhos, sendo os 5 (cinco) primeiros textos também premiados com a publicação do seu texto em forma de plaquete (livreto) com a tiragem estabelecida pela organização e esta entregue a estes cinco melhores*".

Ainda, segundo o regulamento, "Os vencedores receberão os seguintes prêmios: 1º Lugar – 10 obras com o selo da Coleção Mossoroense e *o* texto publicado em plaquete (livreto) e a tiragem desta publicação; 2º Lugar – 9 obras com o selo da Coleção Mossoroense e o texto publicado em *plaquete* (livreto) e a tiragem desta publicação; 3º Lugar – 8 obras com o selo da Coleção Mossoroense e o texto publicado em plaquete (livreto) e a tiragem desta publicação; 4º Lugar – 7 obras com o selo da Coleção Mossoroense e o texto publicado em plaquete (livreto) e a tiragem desta publicação; 5º Lugar – 6 obras com o selo da Coleção Mossoroense e o texto publicado em plaquete (livreto) e a tiragem desta publicação; 6º Lugar – 5 obras com o *selo da* Coleção Mossoroense; 7º Lugar – 4 obras com o selo da Coleção Mossoroense; 8º Lugar – 3 obras com o selo da Coleção Mossoroense; 9º Lugar - 2 obras com o selo da Coleção Mossoroense; e 10º Lugar – 1 obra com o selo da Coleção Mossoroense.

Eis o resultado o resultado final obedecendo os critérios técnicos estabelecidos pela comissão julgadora:

1º lugar - **Robério Santos** -
Texto: **Carta para Mossoró**;

2º lugar - **Jerson Lima de Brito** -
Texto: **O capitão e o santo**;

3º lugar - **Luan Alendes Ferreira Batista** -
Texto: **Mossoró, a resistência que marcou**;

4º lugar - **Eriberto Esdras** -
Texto: **A Resistência ao Sistema inspirada pela Resistência do Povo Mossoroense ao Bando de Lampião**;

5º lugar - **José Edilson de Albuquerque G. Segundo** -
Texto: **Mirabeau da Cunha Melo**;

(Continuação)

6º lugar - **Gualter Alencar do Couto** -
Texto: **Estação Ferroviária e sua dualidade**;

7º lugar - **Patrícia Zirca de Medeiros** -
Texto: **A igreja que atirou e expulsou Lampião**;

8º lugar - **José Jozimar de Holanda** -
Texto: **Mossoró, um município nordestino que esteve para além do próprio país**;

9º lugar - **Osmar Negreiros** -
Texto: **A menina, o cangaceiro e a onça**;

10º lugar - **Tiago Valeriano** -
Texto: **A resistência de Mossoró e o cangaço**

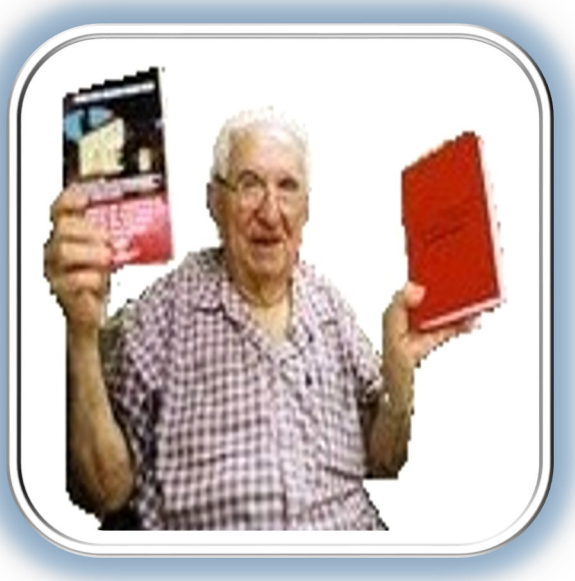
Quaisquer dúvida, o internauta poderá tirar pelo site **fvrcm@uol.com.br** ou mesmo pelo WhatsApp (84) 98886 0520.

Jerônimo Dix-sept Rosado Maia Sobrinho

Presidente da Fundação Vingt-un Rosado

José Eriberto de Oliveira Monteiro

Presidente da Comissão organizadora



Quer ver sua poesia/poema/artigo publicado no informativo da Fundação Vingt-un Rosado, Novo Boletim Bibliográfico ?
Envie seu trabalho para os seguintes contatos:
(84) 98886 0520 (WhatsApp) ou pelo
e-mail**: fvrcm@uol.com.br** ou ainda
eribertomonteiro@hotmail.com